



A Santa Sé

**MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO
AO IV CONGRESSO ORGANIZADO PELO
CENTRO PARA A PROTEÇÃO DOS MENORES DO CELAM**

[Lima, 25-27 de fevereiro de 2025]

Estimados irmãos,

Através desta mensagem desejo unir-me a todos vós que participais no IV Congresso Latino-Americano promovido pelo Ceprome e pela Pontifícia Comissão para a Tutela dos Menores, com o título «Inteligência artificial e abusos sexuais: um novo desafio para a prevenção», pedindo a Deus que apoie todos os esforços destinados a erradicar este cancro da sociedade e, em particular, que abençoe a iniciativa que promoveis e os frutos que é chamada a dar.

O tema que escolhestes é o da Inteligência Artificial que, como um tsunami, revolucionou as já de si inovadoras realidades da internet. Para um sacerdote idoso, os aspetos técnicos destes temas podem ser difíceis de compreender e é difícil manter-se concretamente atualizados sobre cada um dos progressos neste universo paralelo que decidimos chamar a rede. No entanto, a verdade, a Verdade com o “V” maiúsculo, que é Jesus Cristo, será sempre atual e, portanto, válida para a reflexão sobre qualquer tema que se apresente como novo.

Entre as muitas questões que poderiam surgir sobre a Inteligência Artificial, e que certamente abordareis de forma mais sistemática durante os vossos trabalhos, vem-me à mente uma que me permito de vos submeter: a da responsabilidade. Vós sabeis que a utilização da internet cria uma sensação de impunidade, como se uma grande distância nos separasse do que acontece, enquanto o observamos de uma janela distante. Por muito diferentes que sejam as circunstâncias, esta fragilidade humana mudou-nos muito. Já Adão e Eva tentaram descarregar a própria culpa sobre quem os tinha tentado e, de modo ainda mais grave, o rei David procurou fazer desaparecer os vestígios do seu delito, ao ponto de cometer um crime ainda mais horrível. Afastarmo-nos da nossa responsabilidade não é portanto uma novidade.

No caso da Inteligência Artificial, esta pretendida impunidade sobe de nível, pois da mera visualização, transmissão ou recolha de materiais inapropriados passa-se à criação de material “novo”, sintético. O facto de não ter sido a nossa mão a produzir estes materiais poderia criar a falsa ilusão de que não somos nós a “fazer” algo de vergonhoso: a agredir uma pessoa, a roubar uma imagem, a usar um conceito ou uma ideia de outro, a expor algo de íntimo que deveria permanecer na esfera privada da pessoa. Mas, não é verdade, a máquina segue as nossas ordens, executa, não toma as decisões, mas é programada para o fazer. E, tal como nós conhecemos o risco que corremos ao entrar num carro muito potente se carregarmos no acelerador ou invadirmos a faixa de rodagem oposta, também a utilização destas tecnologias pode causar danos. Dano para aqueles que, vendo o que produzimos, o querem emular; dano para o enorme fluxo de materiais inadequados que contaminam o ambiente; dano para a dificuldade que as autoridades encontram em discernir entre material real e material sintético para velar pela segurança das possíveis vítimas, e assim por diante. Por estes danos deve responder, no quadro da própria responsabilidade, tanto quem utiliza a máquina como quem a concebeu para que fosse segura.

A Escritura pode iluminar-nos sobre como responder a estes desafios, precisamente no episódio supracitado de David, quando o profeta Natan repreende o rei pelo seu pecado (cf. 2 Sam 12, 9). Em primeiro lugar, dando voz a Deus e às vítimas que O imploram, para que se tome consciência do mal que está a causar. Em segundo lugar, desmascarando a mentira que consiste em escondermo-nos atrás da tecnologia para aligeirar a nossa consciência, pedindo às pessoas, aos criadores destas tecnologias e às autoridades competentes que imponham limites e normas claras, concretamente avaliáveis, que permitam perseguir a sua utilização nociva ou criminosa.

Que Jesus vos abençoe e a Virgem Santa vos proteja. E, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim.

Roma, São João de Latrão, 13 de janeiro de 2025

Francisco

L'Osservatore Romano, Edição em português, Ano LVI, número 3, Março de 2025, páginas 49 a 78.